



## INEXPLORADAS ENTRANHAS: A GEOPOÉTICA ENQUANTO UM CAMINHAR E (RE)DESCOBRIR A TERRA

Danieli Barbosa de Araujo<sup>1</sup>

### RESUMO

Manter vínculos com nossas memórias ancestrais, com referências que nos dão sustentação a uma identidade (KRENAK, 2020). Cultuar a admiração como forma primária e ardente de conhecimento (BACHELARD, 2019) e descobrir em nossas próprias inexploradas entranhas a perene e insuspeitada alegria de con-viver (ANDRADE, S.D.), são correspondências geopoéticas que se desvelam a medida em que adentramos sua busca primeira - uma relação sensível e inteligente com a Terra. Frente a uma era de distanciamentos, não só social mas da nossa própria condição de natureza, é preciso buscar caminhos para (re)descobrir a Terra. O presente artigo busca apresentar a geopoética enquanto um caminhar em direção a uma relação existencial com os espaços, que não se restringe a uma esfera usual, prática e teórica, mas anuncia-se afetiva e simbólica. O mesmo busca compreender as contribuições da geopoética no contexto contemporâneo e seus entrelaçamentos com a geografia. O trabalho repousa no âmbito da geografia humanista de inspiração fenomenológica, tendo como metodologia a pesquisa qualitativa de natureza exploratória. Enquanto resultados, para além das contribuições deste campo de estudo, demonstra-se que a geopoética não é domínio exclusivo de pensadores, ela nasce do contato com a terra.

**Palavras-chave:** Geografia, Geopoética, Subjetividades, Imaginação, Terra.

### RESUMEN

Mantener vínculos con nuestros recuerdos ancestrales, con referencias que sustentan una identidad (KRENAK, 2020). Cultivar la admiración como forma primaria y ardiente de conocimiento (BACHELARD, 2019) y descubrir en nuestras propias inexploradas entrañas una perenne e inesperada alegría con-vivir (DRUMOND, S.D), son correspondencias geopoéticas que se revelan cuando adentramos en su búsqueda original: una relación sensible e inteligente con la Tierra. Ante una era de distanciamiento, no solo social, sino de nuestra propia condición natural, es necesario buscar formas de (re)descubrir la Tierra. El artículo busca presentar la geopoética como un paso hacia una relación existencial con los espacios, que no se restringe a un ámbito habitual, práctico y teórico, sino afectivo y simbólico. El mismo busca comprender los aportes de la geopoética en el contexto contemporáneo y su entrelazamiento con la geografía. El trabajo se enmarca en el ámbito de la geografía humanística de inspiración fenomenológica, teniendo como metodología la investigación cualitativa de carácter exploratorio. Como resultado, además de los aportes de este campo de estudio, se demuestra que la geopoética no es dominio exclusivo de los pensadores, ella nace del contacto con la tierra.

**Palabras clave:** Geografía, Geopoética, Subjetividades, Imaginación, Tierra.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina – UEL, [danieli\\_g5@hotmail.com](mailto:danieli_g5@hotmail.com)



## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Estamos vivendo uma época de crises, aparentemente, sem precedentes. Uma complexa interpenetração de problemas ambientais, econômicos, sociais e políticos vêm sendo intensificados pela pandemia global de Covid-19. São esses os reflexos de uma visão de mundo mecanicista, uma epistemologia da conquista e uma ideologia do capital global, cujo objetivo é encontrar recursos e explorá-los. Somos constantemente arrebatados por uma sensação de insegurança, descrença, frustração e desespero. “Por que nos causa desconforto a sensação de estar caindo? A gente não fez outra coisa nos últimos tempos senão despencar. Cair, cair, cair. [...] vamos aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos” (KRENAK, 2019, p.14).

Ao invés de nos entregarmos a uma visão conformista ou pessimista, já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, como aponta Krenak (2019), vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas poéticas sobre a existência. Não se trata de eliminar a queda, como aponta o autor, mas de descobrir paraquedas. Este é um convite, ou melhor, um apelo geopoético. A geopoética, como aponta Bouvet (2012), propõe uma forma de resistência ao ritmo de vida moderno, que faz com que não saibamos mais habitar nossos espaços cotidianos, apontando caminhos possíveis por meio de uma postura crítica, ética e criativa de ser e estar no mundo.

“O que, em tal contexto, a geopoética tem a oferecer como base de reflexão e orientação para a conduta de um país assolado por múltiplos desafios?” (ROBERTS, R. 2020, n.p.).<sup>2</sup> Tal questionamento nos guia em direção ao objetivo do presente artigo: compreender as contribuições da geopoética no contexto contemporâneo e seus entrelaçamentos com a geografia. Assim, frente a um mundo marcado por visões niilistas e anti-oníricas, no qual o avanço das tecnologias subjuga as sensibilidades pela técnica, a geopoética reafirma a sua potência de transformação por meio da participação política e poética.

Desenvolvida no final dos anos 1980 pelo poeta e pensador franco-escocês Kenneth White, a geopoética é uma escola de pensamento que nos convida a repensar a forma como vivenciamos o espaço e a colocar essa experiência no centro de nossa vida. A geopoética convida-nos a um encontro físico com os lugares onde vivemos e a um reaprender a ver o que

---

<sup>2</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).



nos rodeia, mesmo as coisas mais triviais. Podemos entendê-la enquanto uma espécie de apelo universal para estabelecer um diálogo autêntico entre o homem e a sua terra.

Na contramão de uma visão milenarista do progresso que levou a humanidade a uma prática utilitária da Terra, a geopoética propõe, como bem fez o filósofo e poeta Gaston Bachelard em sua “Poética do Espaço” e o geógrafo Eric Dardel em “O homem e a Terra”, um pacto essencialmente poético com nosso mundo circundante, um chamado a experimentar a simpatia da terra. Assim, nos ateremos, ao longo deste artigo, a compreender as contribuições que as atitudes e práticas geopoéticas oferecem frente a nosso contexto contemporâneo, bem como suas contribuições para o conhecimento geográfico, que tem por objeto esclarecer os signos da Terra, revelar ao homem sua condição humana e seu destino (DARDEL, 2011).

A abordagem utilizada na construção do artigo é a Geografia Humanista de base fenomenológica, cujo método pressupõe considerar as relações humanas, sua interação com o espaço, valorizando as significações que o homem tem sobre um dado lugar. Optou-se pela pesquisa qualitativa de natureza exploratória, a qual envolve pesquisa bibliográfica e de campo, esta última sendo permeada por explorações fotográficas de artistas brasileiros.

A fenomenologia, substrato fundamental do presente artigo, propõe-se a compreender as manifestações dos fenômenos. Desta forma, as experiências pessoais, são para a fenomenologia potenciais para a investigação da experiência, o que inclui intrinsecamente a experiência do próprio pesquisador (MARANDOLA JR, 2016). A experiência, neste sentido, é a escala epistemológica para a qual a fenomenologia está voltada. Através dela o fenômeno se abre para a compreensão, sendo o ponto de partida da investigação fenomenológica.

Em um primeiro momento, uma investigação sobre a geopoética no âmbito teórico é realizada, desvelando seu potencial crítico-criativo e seus laços com o conhecimento geográfico. Em um segundo momento, um divagar pelas nuances de uma geopoética brasileira nos é apresentando, explorando práticas geopoéticas que promovem sentimentos de pertencimento e abrem caminhos para uma qualidade poética de habitar os espaços que nos cercam.

## **2. BREVE INCURSÃO À GEOPOETICA**

Frequentemente ao mencionar o termo geopoética em uma busca pela internet, somos automaticamente redimensionados para a pergunta: “você quis dizer geopolítica”? De fato, como aponta Hashas (2017), não está claro, ou bem aceito, que significa ser um “geopoeta” no mundo conturbado que vivemos, mesmo diante das claras urgências pelas quais o planeta



clama. Focar-se em uma busca poética do mundo, ao invés de uma busca geopolítica, pode ser percebido como um estratagema, isto é, uma ação enganosa, para contornar questões espinhosas da colonização ou de uma globalização injusta (HAJJI, 2017). Em verdade, como aponta Hajji (2017), a geopoética ainda é julgada como radical demais para ter qualquer relevância prática.

Evadindo-se de uma visão utópica e fantasiosa, a geopoética é tida como uma teoria baseada na trilogia *eros, logos e cosmos*, criando uma coerência geral, isto é, um mundo. “Um mundo, entende-se, emerge do contato entre o espírito e a Terra. Quando o contato é sensível, inteligente, sutil, você tem um mundo no sentido mais amplo dessa palavra, quando o contato é estúpido e brutal, você não tem mais um mundo, não tem cultura [...]” (WHITE, 1989, n.p.). Ser-estar sensível ao mundo, este é o chamado geopoético.

Há, no contexto em que vivemos, uma necessidade cada vez mais crescente e palpável de recorrermos à geopoética enquanto uma forma de resistência frente a um mundo marcado por distanciamentos e desconexões, incluso, da nossa própria relação existencial com a terra. Nossas relações com o mundo são cada vez mais virtuais: com os olhos fixos na tela do celular ou do computador vivemos em uma “bolha” (LÉGERON, 2021). Essa tendência foi ainda mais acentuada pela pandemia Covid-19. A geopoética sugere remar contra a corrente, ela nos convida a nos reconectarmos fisicamente com os lugares onde vivemos e a reaprender a ver o que nos rodeia, mesmo as coisas mais triviais.

A geopoética é um movimento em crescimento, que busca tratar dos fundamentos da vida humana na Terra (WHITE, 1989). Ela engloba uma rede de energias individuais e coletivas com base no Instituto Internacional de Geopoética, fundado pelo pensador franco-escocês Kenneth White em 1989, na França, o qual assinala que;

Foi para a ideia da geopoética manter toda a precisão e todas as perspectivas que resolvi fundar, em 1989, o Instituto Internacional de Geopoética. Alguns anos depois, iniciei o projeto de organização de um "arquipélago" de seminários em todo o mundo, que aplicaria a ideia geopoética em vários contextos locais. A ideia geopoética avança e difunde-se, os seminários funcionam de várias formas, o Instituto mantém o rumo e abrem-se as perspectivas previstas (WHITE, 1989, n.p.).

Atualmente existem vários centros de trabalho em diferentes partes do mundo, como Bélgica, Alemanha, Suíça, Itália, Sérvia, Quebec no Canadá, Nova Caledônia, França e Escócia (SCOTTISH, 2021). Tais centros são vistos como ilhas, dando corpo a um grande arquipélago geopoético. Cada país busca desenvolver e aplicar, ao seu modo, práticas que se aprofundem na temática geopoética, apostando em sua força e potencial frente as problemáticas do Antropoceno – era da dominação humana.



Segundo Régis Poulet (2015), a elaboração do paradigma geopoético baseia-se em uma análise consonante a desenvolvida por Nietzsche em relação à metafísica e ao niilismo. White, enfatiza a necessidade de uma tomada de consciência da grande mediocridade contemporânea. Assim, buscando explorar um campo de possível convergência entre ciência, filosofia e poesia surge a geopoética. “O projeto geopoético constitui, na história do pensamento, uma nova ferramenta ou instrumento para compreender e expressar nossa relação com o mundo” (POULET, 2014, n.p. tradução autor).

Profundamente crítica do pensamento e da prática ocidental que promoveu em seus discursos e atitudes uma dicotomia entre os seres humanos e o resto do mundo natural, a geopoética propõe que o universo seja pensando e vivido como um todo potencialmente integrador, e que os vários domínios em que o conhecimento foi separado, possam ser unificados por uma poética que coloque o planeta Terra no centro da experiência (WHITE, 1989).

Mohamed Hashas (2017), pesquisador marroquino, em comunhão com os pensamentos de Kenneth White e, ao mesmo tempo, traçando uma leitura crítica de sua obra, defende a geopoética por uma via humanista, considerando-a uma prática intelectual a serviço de todas as civilizações, uma espécie de apelo universal para estabelecermos um diálogo autêntico entre o homem e a sua terra.

O pensamento previdente de White, como aponta Marilù Ardillo (2021), aspirava contrastar a geopoética com a geopolítica, respondendo à crise da civilização ocidental e às demandas da modernidade com um novo “modelo”, uma nova possibilidade, na qual a voz do intelectual nômade, aquele que se substancia em diversas fontes do conhecimento, que reconhece nossas interdependências, tem um potencial fundante frente as feridas de um mundo maltratado (ARDILLO, 2021).

A prática da deriva, do nomadismo e da vida errante são fundamentais para a geopoética, embora não se limite a elas (POULET, 2015). Sua importância concentra-se na necessidade que estas têm de estar em constante contato com o mundo circundante. Segundo Poulet (2015), Kenneth White considera a obra de Humboldt “Viaje a las regiones equinocciales del Nuevo Continente (30 vols., 1807-1834)”, uma peregrinação geopoética por excelência. Enquanto geógrafo, ele foi um fervoroso amante do mundo, um apaixonado pela natureza e totalmente convicto do fato que é mais fácil entender nosso entorno quando estamos situados nele, do que quando tentamos defini-lo partindo de ínfimas teorias.

Neste e em tantos outros pontos a geopoética, naturalmente, se acerca da geografia. Em completa sincronicidade ambas comungam e se interconectam com a *geograficidade* – a relação



existencial entre o ser humano e o espaço geográfico, defendida por Dardel (2011). Este contato com o espaço, comum nos trabalhos de campo realizados pelos geógrafos e pelo caminhar nômade defendido pela geopoética, é, entre outros, um dos modos de encontro com os elementos significativos que constituem o mundo vivido: o material, o telúrico, o aquático, o aéreo e o construído (DARDEL, 2011). Tal contato revela nossa mais profunda ligação com a paisagem, trazendo à luz a certeza de nossa condição terrena, bem como a responsabilidade inerente ao ato de habitar.

A geopoética, neste contexto, caminha em direção a uma ética terrestre, suscitando princípios e valores para uma cidadania responsável, demonstrando, assim, todo seu potencial pedagógico, ético, crítico e político. Ao promover uma mudança de mentalidade e sensibilidade ao questionar a supremacia do humano sobre a natureza, a geopoética promove uma abertura para (re)construir uma cultura pautada no respeito, no qual a Terra, em toda sua simbiose, é tida como o centro das preocupações.

Neste sentido, a geopoética busca construir uma relação que seja justa e sensível com os espaços em que vivemos. Essa mudança de paradigma reafirma que a espécie humana não é excepcional ou superior, ao contrário, ela confirma a urgência de se provar outros caminhos, outras ciências, outras posturas, que sejam capazes de revelar nossa conexão com a Terra, em todas as suas esferas.

A geopoética, em suas ínfimas possibilidades, nos surge como uma reconciliação com laços essenciais que nos unem a terra. Em ressonância, Pineda e Nogueira (2017) nos fala de uma “reconciliação geopoética”, capaz de nos permitir ampliar a compreensão dos fenômenos sociais que nos inquietam, bem como ser capaz de estimular modos de habitar poético.

Esquecemos que a reconciliação não apenas conduz a uma nova textura no campo de Contrato Social, não apenas reconfigura relações da alteridade entre sujeitos lesados pelas múltiplas formas de violência; reconciliação também implica uma textura ambiental, uma ressignificação do território, uma reinvenção da pátria, uma nova maneira de viver, uma aventura em direção a um Contrato Natural (PINEDA; NOGUEIRA, 2017, p. 361, tradução autor).

É necessário nos reconciliarmos com a terra, com nossa casa-abrigo, restabelecer vínculos desvanecidos. Nos falta, como aponta Pineda e Nogueira (2017), realizar uma reconciliação com a própria vida, com a alteridade que se manifesta nela e que atualmente mostra-se fragilizada. A reconciliação não seria nada além da recuperação de uma multiplicidade perdida, a reinvenção das múltiplas raízes do existir, a existência radical que necessita de uma terra natal para agenciar o ser no mundo (PINEDA; NOGUEIRA, 2017).



Podemos identificar, de forma introdutória, quatro princípios fundamentais que movem a geopoética, revelando, ainda que de forma breve, parcelas de suas contribuições no contexto contemporâneo. Tais proposições foram pensadas e desenvolvidas pela professora e investigadora Rachel Bouvet (2015), presidente do ateliê nômade “La Traversée”, um ateliê quebequense de geopoética.

Um dos fundamentos destacados na obra de Bouvet (2015), “Vers une approche géopoétique: lectures de Kenneth White, de Victor Segalen et de J.-M. G. Le Clézio”, diz respeito ao “chamado de fora”, ou apelo do exterior. Reconectar-se com o mundo requer explorá-lo fisicamente, vivenciá-lo, colocar-se em contato. O chamado para o fora pode ser visto como um impulso em direção a “outro lugar”, um lugar a se experienciar, a se descobrir, uma força que nos empurra para fora de lugares conhecidos. A literatura, como outras expressões da arte, nos fornece o desejo de ir para longe, de explorar o ambiente, reativando em nós esse chamado de fora, sendo um caminho para a intensificação da presença no mundo, no sentido mais sensível da expressão.

Compreender uma paisagem, sua importância, apreciar suas formas e cores requer mais que conhecimento científico, exige sensibilidade poética, a qual o “chamado de fora”, isto é, o chamado da própria terra, pode nos ofertar. Eis um convite, neste sentido, para descobrir os signos da terra, este grande texto a ser decifrado, no qual o desenho da costa, os recortes da montanha, as sinuosidades dos rios compõem as linhas deste grande texto (DARDEL, 2011). Aqui, mais uma vez, experienciamos a proximidade dos pressupostos geopoéticos com a geografia, em especial, a geografia defendida por Dardel (2011).

O segundo fundamento, como aponta Légeron (2021), está ligado a “crítica radical”. A geopoética nos convida a questionar nossos modos atuais de viver, em particular as práticas que nos distanciem de nossa intencionalidade original: habitar a Terra (BESSE, 2011). Um dos dramas do mundo contemporâneo, como aponta Dardel (2011), é que a Terra foi “desnaturada”, e o homem só pode vê-la através de suas medidas e de seus cálculos, em lugar de deixar-se decifrar por sua escrita sóbria e vívida. A geopoética surge como resistência, apontando caminhos para um retorno a uma esfera mais íntima com a Terra.

O terceiro princípio fundamental da geopoética, diz respeito ao “movimento”. Caminhar, passear, observar permitem-nos experienciar o mundo. Todavia, o movimento não se restringe ao corpo físico, mas também ao movimento do pensamento que permite que novos caminhos sejam criados e pensados, que as ideias caminhem, aflorem, que estejam abertas a fluidez.

As “margens” dão asas ao quarto princípio ao qual a geopoética está fundamentada (LÉGERON, 2021). Para (re)descobrir o mundo é preciso sobrepujar as fronteiras, explorar



lugares remotos (físicos e imaginários), desconhecidos ou desprezados. Estar interessado em correntes alternativas de pensamentos, outras culturas. Aberto à novidade, ao porvir. Este é o caminho do “nomadismo intelectual”, um vagar por territórios desconhecidos em busca de pistas e sugestões para um “encontro sensível e inteligente com a Terra”, como bem expressa o objetivo da geopoética, traçada por Kenneth White.

Os “nômades intelectuais”, sendo eles geógrafos, poetas, professores, andarilhos, artistas e tantos outros, dotados de uma sensibilidade geopoética, podem transcender fronteiras econômicas, sociais e políticas, empreendendo ações em comum, a fim de garantir um melhor futuro para a nossa grande morada: a Terra.

O agenciamento intenso da Terra faz com que nossa inteligência nativa, nossa vocação primordial de habitá-la, seja esquecida e negligenciada, como pontua Besse (2011). Caminhando em direção a um resgate da intencionalidade original de ser e estar no mundo, a geopoética em um encontro com a geografia, traz para além de qualquer interpretação sentimental, um solo comum a ser decifrado, defendendo modos íntimos de habitá-lo.

Apesar da similitude terminológica e dos interesses de pesquisa, a geopoética não nasce no campo da geografia. Todavia, muitos geógrafos apostando em suas perspectivas tem requerido uma aproximação com a mesma, reconhecendo-a enquanto um campo ativista e uma redescoberta decolonial (FERRETTI, 2020). Para tanto, há uma busca crescente por dar vozes às experiências que não se limitam ao âmbito acadêmico, nem mesmo ao contexto europeu no qual o conceito foi lapidado. É necessário ouvir o apelo geopoético que emana, de tantos modos, dos ínfimos rincões que compõem a terra.

Neste sentido, somos convidados a andarilhar por geopoéticas brasileiras, encontrando em cada expressão uma sustentação para o propósito inicial que nos move: “a busca por uma relação mais sensível e inteligente com a terra”.

### **3. DIVAGAR POR GEOPOÉTICAS BRASILEIRAS**

Inaugurar uma “autêntica geopoética latino-americana”, este é o convite que nos faz Fernando Ainsa (2005) em sua obra “Propuestas para una geopoética latino-americana” e que merece destaque em nossos estudos a cerca dessa temática. Como forma de ouvir as vozes que (pro)clamam por uma geopoética, um breve divagar por algumas nuances geopoéticas, que brotam e habitam o solo brasileiro, nos é apresentado.

O espaço americano, como aponta Ainsa (2005), apareceu desde o primeiro momento, aos olhos do Ocidente, como um conjunto de lugares possíveis para a implantação de um



prodigioso imaginário geográfico. E dois momentos contraditórios derivam deste ato de “descoberta”: o encantamento e o domínio. O primeiro revela-se enquanto condição inerente a geopoética, o segundo seu objeto de desconstrução.

Ao abrir espaços em uma realidade inédita, ao se deparar com o novo, percebe-se, em relatos da literatura colonial, que o encantamento, a admiração e a surpresa se fazem presente. Um estado de verdadeiro maravilhamento toma conta. Todavia, ao abrir caminhos em um mundo desconhecido, adentrar a virgindade e a beleza de uma natureza não explorada e buscar “impor forma ao amorfo”, como destaca Ainsa (2005), instaura-se, de imediato, um divórcio com a nossa própria condição de ser-estar no mundo, isto é, com a própria geopoética.

A ideia de que os brancos europeus, como bem aponta Krenak (2020), podiam sair colonizando o resto do mundo, se sustentava em uma falsa premissa de que havia uma humanidade “esclarecida” que precisava ir ao encontro da humanidade “obscurecida”, trazendo-a para a luz (KRENAK, 2020).

Aqui o problema da humanidade é colocado em questão, “somos mesmo uma humanidade”?

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso – enquanto seu lobo não vem –, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. [...] tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza (KRENAK, 2020, p.17).

Tal questionamento se assemelha a ideia de cultura levantada pela geopoética. Por cultura, entende-se o modo como os seres humanos trabalham, produzem e conduzem um crescimento mais harmonioso do coletivo em seus ambientes. Isto é, a ideia de cultura não se limita a um sistema de comportamentos e hábitos de um grupo em particular, no qual cada grupo busca preservar características que lhes são pertinentes. Uma das proposições da geopoética é o (re)estabelecimento de uma cultura universal, no qual a Terra seja a base.

Em uma fragilidade de vínculos, resultado de uma falsa dicotomia entre o homem-natureza, a humanidade vai perdendo suas raízes com a terra. “Os únicos núcleos que ainda consideram que precisamos ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes – a sub-humanidade” (KRENAK, 2020, p.21).

Em uma atitude geopoética, de retorno a nossa organicidade com a terra, Edgar Kanaykō, fotógrafo, pertencente ao povo indígena Xakriabá, no estado de Minas Gerais, nos convida, através de uma de suas séries fotográficas, a um mergulho aos



“seres-rios” que somos. Segundo o artista, a série “Somos Rios” é um convite a uma (re)conexão com os rios, um modo de reavivar memórias guardadas através de contos, cantos e histórias.

**Figura 1 – Somos Rios**



**Fonte:** Edgar Kanaykõ Xakriaba, 2021.

Desvelar a memória, a beleza, as dores e o amanhã dos rios - eis a força que habita suas fotografias, nos projetado a uma “política cósmica”, a qual evoca uma repactuação com a nossa *geograficidade*. Um convite a ser rio, “ser rio aqui é manter-se doce, é perseverar e ter a coragem de manter-se vivo” (PI, 2021, n.p.).

Ana Göbel em seu projeto “Miradas de Afeto”, também nos apresenta traços de uma geopoética de raízes brasileira, que brota de nossa terra natal. Sua proposta busca ressignificar espaços urbanos periféricos promovendo o cultivo sustentável da terra por meio da valorização da autoestima das comunidades, o estímulo ao cuidado de espaços de convivência coletiva e a conscientização ambiental, cidadã e participativa, como bem apresenta no site *evoé*, um espaço de divulgação e ajuda a projetos sociais.

A iniciativa retrata cenas do dia a dia, em muros, fachadas, casas e becos, dando voz às histórias e memórias afetivas dos locais.



**Figura 2** – Projeto Miradas de Afeto



**Fonte:** Instituto Periférico, 2021.

Cada beco conta e desvela uma história. Ao caminhar pela comunidade um museu ao ar livre, de histórias reais, é apresentado. O projeto trafega por quatro eixos temáticos, sendo eles: água, terra, fogo e ar. Cada qual busca deixar como legado a possibilidade das comunidades praticarem o cuidado com os ambientes que as cercam, tomando por inspiração o impulso poético e as significações que emanam das pinturas, bem como as vivências em oficinas que acontecem durante a estadia do projeto na região.

Valorizando manifestações culturais de matrizes africanas, dialogando com a agroecologia, aliando sustentabilidade, resistência de comunidades e o direito de brincar, o projeto “Miradas de Afeto”, trafegando por distintas temáticas, desvenda sua essência geopoética em ações práticas.

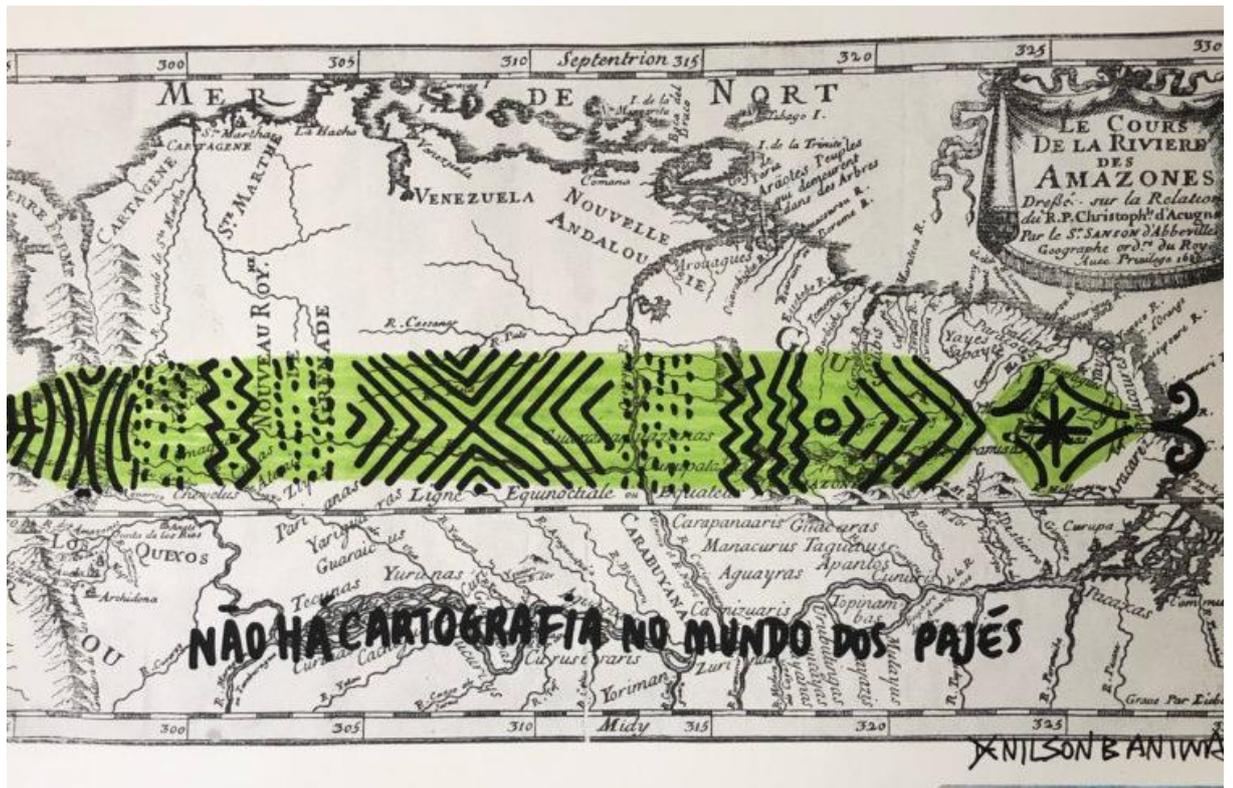
Em mais uma confluência geopoética, o artista indígena Denilson Baniwa apresenta através de sua arte, que permeia pintura, performance, gravura e desenhos uma crítica sobre a contínua violência cometida contra os povos originários das terras que constituem o Brasil.



Junto a outros artistas indígenas tem formulado maneiras de resistir as exclusões seculares e de afirmar o direito de viver diferente (ANJOS, 2021).

Em sua obra “Não há cartografia no mundo dos pajés”, o artista busca, de forma criativa, tecer críticas as barbáries advindas do empreendimento colonial que se instaurou em nosso país.

**Figura 3 - “Não há cartografia no mundo dos pajés”**



**Fonte:** Denilson Baniwa, 2020.

Segundo Anjos (2021), Denilson Baniwa

escreve a frase-título do trabalho sobre um mapa dos rios da Amazônia feito no século 17 e desenha, sobre essa representação ocidental que divide territórios unos, a imagem do que parece ser um remo indígena decorado com grafismos – objeto que, disposto horizontalmente sobre a prancha cartográfica, articula e defende um complexo hídrico ocupado à força por estranhos (ANJOS, 2021, n.p.).

Sua arte tece críticas à memória visual deixada pelos colonizadores e busca demonstrar como as mesmas revelam traços de violência, imposição e exploração. Deste modo, sua arte perpassa, em uma ressonância com a geopoética, por uma “investigação e olhar crítico do passado e uma vontade transformadora do agora” (ANJOS, 2021, n.p.).



Partindo de tais obras, ainda que de forma introdutória, é possível pensar, resgatar e dar impulso a uma geopoética brasileira, dando força a sua potência crítico-criativa, política e ética, bem como compreendendo que a mesma não se restringe ao âmbito acadêmico, mas se desdobra na cotidianidade, no mundo vivido. Cada obra, ao seu modo, exhibe um apelo geopoético capaz de nos projetar a uma cultura planetária, impulsionando a tomada de atitudes em prol de um bem-estar terrestre.

A geopoética, como aponta Hashas (2017), é uma atividade centrífuga capaz de desvincular a mente humana de sistemas fechados de pensamento e estimulá-la a resgatar a Terra e a Linguagem, nossos campos de ser do esquecimento. Em sua potência, percebe-se a geopoética como um projeto otimista para o futuro, no qual a Terra que abraça e nutre a diversidade está no centro; isto é uma força de unidade cósmica (HASHAS, 2017).

Assim, dar força a uma geopoética brasileira, entendendo-a em sua ampla diversidade e modos de ser, permite colocar em evidência uma eclosão de movimentos e modos de viver que a muito já cultuam ou almejam uma relação mais ética e poética com o nosso entorno. Neste sentido, a defesa de uma geopoética local caminha em direção a uma cidadania terrestre que pensa globalmente, enquanto cultura, e se desdobra localmente enquanto ponto de partida.

#### **4. BREVES CONSIDERAÇÕES**

A geopoética procura criar um novo território, no qual cada um pode engrandecer seu ser, estabelecer relações harmoniosas com os outros à base de um pertencimento comum, um vasto campo de pesquisa e criação no qual se cruzam as ciências, as artes e a literatura (BOUVET, 2012). Todavia, vale lembrar que a geopoética não é domínio exclusivo de poetas e pensadores, ela atravessa diferentes territórios

Segundo Bouvet (2012), aqueles que se interessam por esse movimento têm, com frequência, a impressão de fazer geopoética há algum tempo sem mesmo saber. Os apaixonados por viagens, os andarilhos que flanam pela cidade, os enamorados por caminhadas ou leitores de poesia e narrativas. Todos, de certo modo, perambulam pelo campo geopoético, a partir de um óptica singular, de sua própria individualidade e história de vida.

Como pontuado anteriormente, demonstra-se que a geopoética não é uma leitura utópica da realidade, nem mesmo uma fantasia ou fuga da realidade. Ela é um retorno ao fundamental, ao poético. Um retorno a nossa organicidade com a Terra.



Deste modo, a geopoética apresenta-se como uma postura crítico-criativa e ético-poética de ser-estar na Terra, bem como um modo de fazer geografia, capaz de ampliar nosso saber geográfico (GRATÃO, 2006), isto é, colocar-nos frente ao nosso compromisso com o planeta.

## REFERÊNCIAS

AINSA, Fernando. Propuestas para una geopoética latinoamericana. Archipiélago. **Revista cultural de nuestra América**, 2005, vol. 13, no 50.

ANJOS, Moacir. **Para Decolonizar a Brasileira**, 2021. Disponível em: <https://www.select.art.br/para-decolonizar-a-brasiliana/>. Acesso em: 10 out. 2021.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **O homem; as viagens**. Disponível em: <https://www.letras.com/carlos-drummond-de-andrade/807510/>. Acesso 10 nov. 2021.

ARDILO, Marilù. **La Geopoetica: un nuovo modo di camminare nel mondo**, 2021. Disponível em: <https://www.fondazioneecasillo.it/reportage/1249-la-geopoetica-un-nuovo-modo-di-camminare-nel-mondo.html>. Acesso em 16 out. 2021.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Padua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993. Título original: La poétique de l'espace.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. Martins Fontes, 2019.

BANIWA, Denilson. **Não há cartografia no mundo dos pajés**. Disponível em: <https://www.select.art.br/para-decolonizar-a-brasiliana/>. Acesso 15 out. 2021.

BESSE, Jean-Marc. Geografia e existência a partir da obra de Eric Dardel. **O homem e a Terra**, 2011.

BOUVET, Rachel. Como habitar o mundo de maneira geopoética? **Interfaces Brasil/Canadá**, v. 12, n. 1, p. 09-16, 2012.

BOUVET, Rachel. **Vers une approche géopoétique**: lectures de Kenneth White, de Victor Segalen et de J.-MG Le Clézio. PUQ, 2015.

DARDEL, E. **O homem e a terra**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FERRETTI, Federico. From the drought to the mud: Rediscovering geopoetics and cultural hybridity from the Global South. **Cultural geographies**, v. 27, n. 4, p. 597-613, 2020.

GÖBEL, Ana. Miradas de afeto, 2021. Disponível em: <https://www.institutoperiferico.org/post/miradas-de-afeto-compartilhou-hist%C3%B3rias-e-desafios-de-comunidades>. Acesso 25 out. 2021.



GRATÃO, Lúcia H. B. Da projeção onírica bachelardiana, os vislumbres da geopética. In: OLIVEIRA, Livia; FERREIRA, Yoshiya. N.; GRATÃO, Lúcia H. B. e MARANDOLA JR., Eduardo. (Org.). **Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente**. Londrina: Edições Humanidades, 2006. 165-190pp

HASHAS, Mohammed. **Intercultural Geopoetic in Kenneth White's Open World**. Cambridge Scholars Publishing, 2017.

HAJJI, Khalid. The Geopoet: Agent of Intercultural Exchange. In: **Intercultural Geopoetic in Kenneth White's Open World**. Cambridge Scholars Publishing, 2017.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo** (Nova edição). Editora Companhia das Letras, 2020.

LÉGERON. **À la (re)découverte géopoétique d'Ahuntsic**. La géopoétique, 2021. Disponível em: <https://ahuntsicgeopoetique.ca/la-geopoetique/>. Acesso em 10 nov. 2021.

MARANDOLA JR, E. Geografias do porvir. In: **A diversidade da geografia brasileira**. SPOSITO, Eliseu Savério. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2016. p. 452 – 467.

PINEDA, Jaime; NOGUERA, Ana Patricia. Rastros del pensamiento ambiental. Hacia una geopoética de la reconciliación. **Polifonías del sur: desplazamientos y desafíos de las ciencias sociales**, 2017, p. 348-385.

PI, Ana. **Divino, caminho e sonho**, 2021. Disponível em: <https://seresrios.org/obras-comissionadas/ana-pi/>. Acesso em 15 out. 2021.

POULET, Régis. **Breve introducción a la geopoética**, 2014. Disponível em: <https://www.institut-geopoetique.org/es/articulos/214-breve-introduccion-a-la-geopoetica>. Acesso 15 out. 2021.

ROBERTS, Richard H. **Scottish Centre for Geopoetics**. Geopoetics in a time of Catastrophic Crisis, 2020. Disponível em: <http://www.geopoetics.org.uk/category/geopoetics/>. Acesso em 19 jun. 2021.

WHAT is Geopoetics? **Scottish Centre For Geopoetics**, 2021. Disponível em: <http://www.geopoetics.org.uk/what-is-geopoetics/>. Acesso em 19 jun. 2021

WHITE, kenneth. **Textos fundadores**. Instituto Internacional de Geopoética. 1989. Disponível em: <https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores>. Acesso em: 19 jun. 2021.

XAKRIABA, Edgar. **Somos rios**, 2021. Disponível em: <https://seresrios.org/obras-comissionadas/edgar-kanayko-xakriaba/>. Acesso em 15 out. 2021.